

# A expressão tectônica da arquitetura vernácula:

## o caso de Lapinha da Serra (MG)

Caroline Santos de Oliveira  
 Jhade Iane Cunha Vimieiro  
 Maria Luiza Almeida Cunha de Castro\*

**Resumo** A historiografia e a análise da arquitetura se dedicaram às grandes obras arquitetônicas eruditas e monumentais, em especial à arquitetura moderna. Assim também ocorreu com a análise sob a perspectiva da tectônica. Neste cenário, a arquitetura vernácula foi colocada à margem da análise crítica da arquitetura, sobretudo sob a abordagem da tectônica. Portanto, neste trabalho, buscou-se elucidar os movimentos sistemáticos que a arquitetura vernácula apresenta perante o conceito de tectônica. Para tanto, foi realizado um estudo de caso de uma residência vernácula em adobe localizada em Lapinha da Serra, distrito de Santana do Riacho (MG), o qual evidenciou o caráter onipresente da tectônica da arquitetura vernácula.

*Palavras-chave:* tectônica, materialidade, adobe, arquitetura vernácula.

### La expresión tectónica de la arquitectura vernácula: el caso de Lapinha da Serra (MG)

**Resumen** La historiografía y el análisis de la arquitectura se han dedicado a las grandes obras arquitectónicas eruditas y monumentales, especialmente a la arquitectura moderna. Esto también ocurrió con el análisis desde la perspectiva de la tectónica. En este escenario, la arquitectura vernácula fue puesta al margen del análisis crítico de la arquitectura, especialmente desde una perspectiva tectónica. Por lo tanto, este trabajo buscó elucidar los movimientos sistemáticos que la arquitectura vernácula presenta frente al concepto de tectónica. Para este fin, se realizó un estudio de caso de una residencia vernácula de adobe ubicada en Lapinha da Serra, distrito de Santana do Riacho (MG), que mostró el carácter onipresente de la tectónica en la arquitectura vernácula.

*Palabras clave:* tectónica, materialidad, adobe, arquitectura vernácula.

### The tectonic expression of vernacular architecture: the case of Lapinha da Serra (MG)

**Abstract** The architecture historiography and analysis dedicated itself to the great erudite and monumental architectural works, especially to modern architecture. This also happened with the analysis from the perspective of tectonics. In this scenario, vernacular architecture was placed on the sidelines of critical architecture analysis, especially under the tectonic approach. Therefore, in this work, it sought to elucidate the systematic movements that vernacular architecture presents with the concept of tectonic. Thus, a case study of a vernacular adobe residence located in Lapinha da Serra, district of Santana do Riacho (MG) was carried out, the case study evidenced the omnipresent character of tectonics in vernacular architecture.

*Keywords:* tectonic, materiality, adobe, vernacular architecture.

**Ao** longo da história da arquitetura, bem como da historiografia que a conta, o estudo e a análise crítica incidem, em sua maioria, sobre as obras eruditas e ditas enquanto excepcionais ao campo da arquitetura. O foco de análise, interpretação e construção de valor por parte dos críticos do campo se concentrou nas arquiteturas entendidas como “cultas”, “formais” e “eruditas” devido ao seu valor monumental e de singular estética – historiograficamente categorizada, como no caso da Arquitetura Moderna. Ofereceu-se à sociedade um panorama arquitetônico restrito, devoto àquilo entendido enquanto uma “grande obra de arquitetura”, que se sobressai ao seu entorno “comum”, sobretudo nos contextos europeu e norte-americano, contribuindo para uma hegemonia no campo da análise da arquitetura.

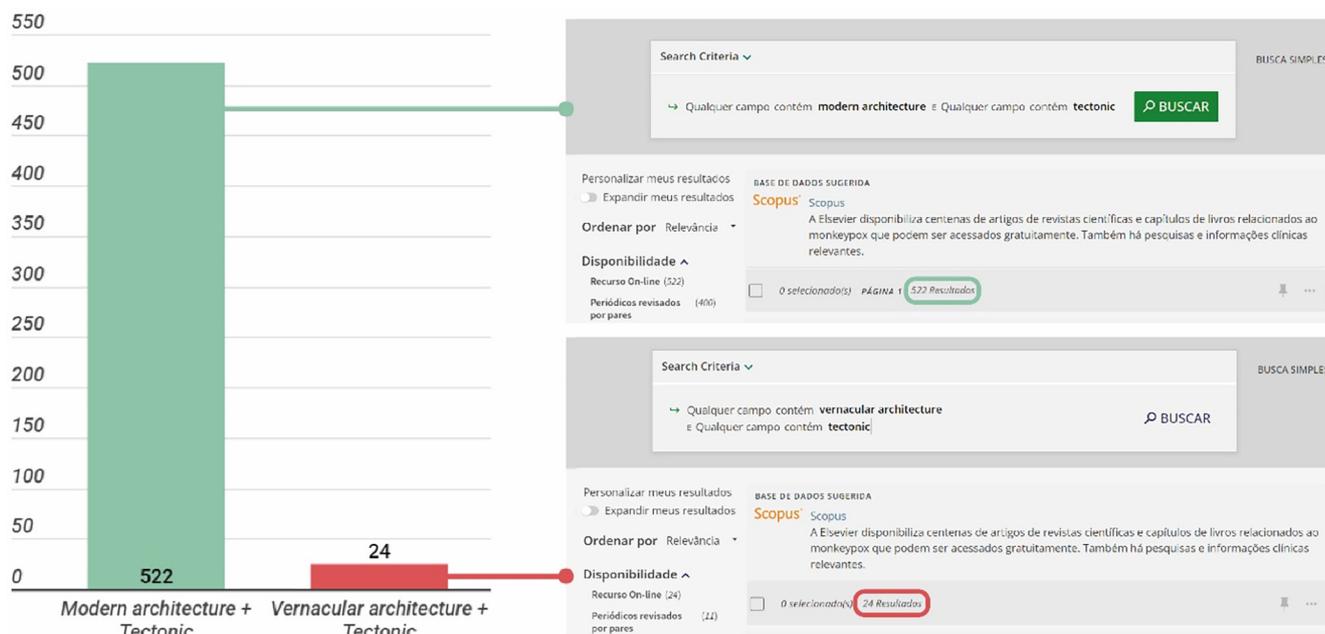
Ao se tratar do Brasil, um contexto latino-americano não-hegemônico, sua dimensão espacial continental e sua formação advinda de diversos povos nativos e não nativos (não isentos da imposição colonizadora), observa-se uma rica diversidade cultural que se reflete nas múltiplas esferas: música, costumes, culinária, linguagem, dentre outros. Em enfoque para o presente trabalho, destaca-se a arquitetura, a qual apresenta variadas soluções construtivas baseadas nos numerosos materiais acessíveis em cada região, bem como nas tradições ali consolidadas (REZENDE; LOPES, 2022).

Conforme autores, quando a arquitetura engloba técnicas construtivas milenares, transmitida de geração em geração, quando ela interage, integra e utiliza dos materiais e do meio em que está inserida, com base em culturas construtivas íntimas a uma determinada população, ela pode ser entendida e lida enquanto arquitetura vernácula (REIS, CASTRO 2020; MAXILIANO, REZENDE, CABRAL, 2021). Segundo Weimer (2012; 2019), a etimologia da própria palavra “vernacular” está ligada à ideia de quem é “bobo, patife”, contribuindo para uma depreciação do termo e, por conseguinte, uma marginalização da arquitetura vernácula no campo da análise crítica e da historiografia da própria arquitetura, uma vez que

*não faz parte do imaginário dos arquitetos. Os dados disponíveis, em sua maioria, provêm de levantamentos de outras áreas, especialmente as humanas. Os poucos escritos de autoria de arquitetos sobre nossas manifestações populares referem-se a casos particulares, os de determinada região, da periferia de alguma cidade ou de uma corrente de imigrantes específica. Desconhece-se qualquer tentativa de abarcar o tema em sua forma mais ampla e geral.* (WEIMER, 2012, p. XXXVI)

Não se isenta de tal conjuntura de marginalização da arquitetura vernácula o conceito de tectônica. Pouco se analisa a expressão tectônica da arquitetura vernácula se não apenas sob a perspectiva de tectônica de Gottfried Semper, que valida sua abordagem a partir da própria arquitetura vernácula. “A validade geral dos Quatro Elementos de Semper é confirmada pela construção vernacular em todo o mundo” (FRAMPTON, 1995, p. 6).

\* Caroline Santos de Oliveira é Arquiteta e Urbanista, Mestranda na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, ORCID <<https://orcid.org/0000-0002-3479-1950>>. Jhade lane Cunha Vimieiro é Arquiteta e Urbanista, Mestranda na UFMG, ORCID <<https://orcid.org/0000-0001-8494-3038>>. Maria Luiza Almeida da Cunha de Castro é Doutora em Ciências Sócio-Ambientais, Professora da UFMG, ORCID <<https://orcid.org/0000-0002-4947-9679>>.



**Figura 1:** Resultados de busca no Portal Periódicos da Capes, combinando os termos *Modern Architecture* com *Tectonic*, e *Vernacular Architecture* com *Tectonic*, revela-se uma preeminência da Arquitetura Moderna no campo da tectônica (522 resultados de pesquisa) em comparação à arquitetura vernácula (24 resultados), como pode ser observado pela Figura 1, reforçando quantitativamente seu pouco estudo dentro da análise arquitetônica sob a perspectiva da tectônica.

Ao realizar uma “busca avançada” no Portal Periódicos da Capes, combinando os termos *Modern Architecture* com *Tectonic*, e *Vernacular Architecture* com *Tectonic*, revela-se uma preeminência da Arquitetura Moderna no campo da tectônica (522 resultados de pesquisa) em comparação à arquitetura vernácula (24 resultados), como pode ser observado pela Figura 1, reforçando quantitativamente seu pouco estudo dentro da análise arquitetônica sob a perspectiva da tectônica.

Weimer (2012), em uma tentativa de identificar as diferenças entre essa arquitetura marginalizada e a erudita, afirma que “a arquitetura obviamente erudita parte do princípio de que está sujeita a uma intenção plástica [na qual] a técnica é escolhida entre as diversas opções que permitem realizar os objetivos plásticos propostos” (WEIMER, 2012, p. XLII), enquanto a arquitetura vernácula, “acontece exatamente o contrário: a forma plástica é o resultado – entre outros – da técnica e dos materiais empregados” (WEIMER, 2012, p. XLII). A arquitetura vernácula aqui é entendida como “evidente por si própria”, como afirma o autor. Isto posto, a arquitetura vernácula é, sob esta perspectiva, a expressão mais íntima da própria materialidade, e se a tectônica é a própria expressão da arquitetura a partir de sua materialidade (FRAMPTON, 1995), portanto a arquitetura vernácula é, em sua essência, a própria expressão da tectônica.

É a partir deste cenário introdutório que o presente trabalho se fundamenta para a discussão. Um cenário no qual a historiografia e a análise arquitetônica se encontraram, por muitos anos, devotas às ditas “grandes” e “excepcionais” obras arquitetônicas, construídas sob valores estéticos, monumentais, ou até mesmo sob a noção de valores culturais hegemônicos – como nos casos europeu e norte-americano –, do qual o conceito de Tectônica não se isenta. Cenário que destituiu o valor da arquitetura mais “tradicional”, vernácula, e a marginalizou perante seu próprio valor construtivo, cultural e patrimonial.

*A tradição dos conceitos de arquitetura se caracteriza por uma herança marcadamente elitista: de seu universo participavam apenas obras excepcionais, seja por seu tamanho, por seu significado ou por sua imagem. Por isso, seu universo se restringia a palácios, templos, fortalezas. [...] as realizações populares foram banidas da historiografia da arquitetura brasileira. (WEIMER, 2019, p. 2)*

Neste sentido, em contracorrente à conjuntura elucidada e em acordo às novas correntes acadêmicas emergentes<sup>1</sup>, que fazem jus ao valor da arquitetura vernácula, o presente trabalho propõe uma análise da própria expressão tectônica da arquitetura vernácula, evidenciando as possibilidades de tal perspectiva, tomando como base um estudo de caso da arquitetura de terra vernácula ainda (r)existente no distrito Lapinha da Serra, localizado no município de Santa do Riacho, no estado de Minas Gerais.

Para tanto, os capítulos seguintes apresentam (1) as ferramentas e métodos para a elaboração do presente trabalho, indicando a bibliografia base; (2) as relações conceituais existentes entre arquitetura vernácula e tectônica; (3) o estudo de caso de Lapinha da Serra; e, por fim, (4) as considerações finais acerca do trabalho.

## Ferramentas e métodos

A delimitação de conceitos é de suma importância na escrita acadêmica, uma vez que um conceito, além de determinar o conteúdo ao qual se refere, também, “ao mesmo tempo, relaciona-se a outros conceitos que, quando apropriados, estabelecem novas relações com outros conceitos, em um movimento sistemático e evolutivo em rede” (CASTRO, 2014, p. 5). Neste sentido, como meio para se construir uma interlocução entre a expressão tectônica da arquitetura vernácula, o presente trabalho se apoia, metodologicamente, em uma revisão bibliográfica centrada nos conceitos de Tectônica, sob a luz de Hartoonian (1994) e Frampton (1995); e, de Arquitetura Vernácula, alicerçado aos autores Weimer (2012), Rezende (2022), Rezende e Lopes (2022) e Teixeira (2008). Com a definição deste referencial teórico, realizou-se uma interlocução conceitual a fim de se elucidar as íntimas relações que a arquitetura vernácula apresenta sob a perspectiva da tectônica, numa tentativa de clarificar suas relações e movimentos sistemáticos conceituais.

Ainda, para tanto, a metodologia se baseia em um estudo de caso, de abordagem qualitativa, de um exemplar de edificação vernácula em terra existente no distrito Lapinha da Serra, em Minas Gerais. O estudo de caso apresentado foi desenvolvido partindo de um levantamento de campo com suporte da percepção sensorial das autoras, nas edificações, levantamento fotográfico e croquis do espaço, a fim de promover um suporte para a análise qualitativa.

## Arquitetura vernácula e tectônica

Segundo Rezende (2022), a palavra “vernacular” não existe na língua culta portuguesa. Contudo, segundo o autor, é a mais utilizada no meio acadêmico e entre a população civil. Outro aspecto debatido entre autores, no que concerne ao uso de “vernacular”, diz respeito a sua etimologia. De acordo com Weimer (2012), a palavra “vernácula” tem um significado próprio de quem é “bobo, patife”, convergindo a um tom pejorativo. Em vista das razões etimológicas apresentadas, Weimer (2012) e Sant’Anna (2014) acreditam que utilizar o termo “popular” seja mais adequado para nomear este tipo de arquitetura, uma vez que ela é transmitida a partir de um saber construtivo popular.

<sup>1</sup> Estes trabalhos de resgate e valorização da arquitetura vernácula podem ser observados em Teixeira (2008), Sant’ana (2014), Weimer (2012; 2019), Tofani e Brusandin (2021), Rezende (2022), Rezende e Lopes (2022), Tognon e Maranhão (2022), dentre outros autores.

Entretanto, na contemporaneidade, o termo já foi desconstruído e já não mais é entendido com uma conotação negativa. Para além, como apontado por Rezende (2022), a expressão “arquitetura popular” já é amplamente utilizada no campo arquitetônico para designar uma arquitetura destinada às populações em situação de vulnerabilidade, não sendo viável, segundo o autor, utilizar um mesmo termo para designar dois conceitos diferentes. Ainda, hoje, a palavra “vernácula” está definida como algo “próprio da região em que está; nacional” (FERREIRA, 1986, p. 1768). A partir disso, para o presente artigo, optou-se por utilizar o termo “vernácula”, uma vez que o atual significado da palavra condiz com o conceito que pretende definir, em especial no campo da arquitetura.

Ainda que os primeiros registros de arquitetura vernácula sejam datados de aproximadamente 8.000 anos (ROTONDARO, 2011), a discussão sobre o conceito é recente. Apenas no final do século XIX, com os arquitetos Lutyense e Voysey, o termo começou a ser inserido, ainda que com pouca relevância (TEIXEIRA, 2008). No século XX, Frank Lloyd Wright foi um dos pioneiros a valorizar e inspirar seus projetos na arquitetura vernácula, porém não a refletiu significativamente em suas obras. No Brasil, no ano do centenário da Independência, em 1922, com a valorização da cultura nacional, houve um aumento significativo de contribuições em textos sobre a arquitetura vernácula (TEIXEIRA, 2008). Esta valorização nacional é de suma importância para a memória e identidade da nação. Atualmente, comemora-se o aniversário do bicentenário da Independência do Brasil, o que corrobora para a importância de se discutir e resgatar a importância desta identidade e memória cultural.

“Do ponto de vista formal, a arquitetura vernácula histórica de terra é a grande responsável, pela ambiência, pelo *genius locci* das cidades históricas, por isso sua importância indiscutível também enquanto patrimônio” (REZENDE, 2022, p. 247-248), contudo, “o futuro desse patrimônio muitas vezes [está] condenado ao desaparecimento e à incompreensão por grande parte de profissionais, acadêmicos e pela sociedade em geral” (TOGNON; MARANHÃO, 2022, p. 90). Estes fatos corroboram para a imprescindível importância de se inserir a arquitetura vernácula nos diversos campos de discussão arquitetônica, seja na história e/ou historiografia, nas técnicas e tecnologias, ou na análise crítica sob a luz de conceitos da área, como no caso da tectônica.

Segundo Amaral (2009), o termo “tectônica” apresenta um conjunto de significados e ambiguidades resultantes da sua aplicação em diferentes áreas do estudo. No que concerne à arquitetura, esse termo circunscreve uma ampla discussão que, em suas definições cartesianas, apresenta diferentes abordagens e significados ao longo de seus usos na história.

De acordo com Frampton (1995, p. 3. Tradução das autoras), etimologicamente, “de origem grega, o termo *tectonic* [tectônica] deriva da palavra grega *tekton*, a qual significa carpinteiro ou construtor”. Com o passar dos séculos, o termo foi sofrendo alterações conceituais ao ponto de alcançar tentativas ambiciosas de se criar uma teoria geral da arquitetura (AMARAL, 2009). Segundo Cantalice (2015), já no século XX, dois grandes autores vão se destacar no campo: Kenneth Frampton e Gevork Hartoonian, que farão luz ao conceito de tectônica aqui adotado.

Encetando pela perspectiva de Hartoonian (1994), o autor vai abordar a tectônica sob a luz do conceito de “montagem” e o processo de “desconexão”. O conceito de

montage (montagem) parte do princípio da conexão das partes da edificação e, seus processos de construção, como razão da expressão tectônica. Enquanto o processo de “desconexão” procura separar as partes da edificação a fim de se compreender a maneira pela qual foi construída e, a partir disso, identificar como sua materialidade se expressa. Para Hartoonian (1994), o processo construtivo (técnica e tecnologias empregadas) é evidenciado pela conexão das partes e, de tal maneira, a tectônica se evidencia; em mesma medida, a partir do processo de “desconexão” dessas partes, alcança-se o entendimento da expressão tectônica e dos processos construtivos que a comportam.

*[O] todo surge da justaposição de fragmentos e pelo próprio ato de montagem, e aí reside a dialética entre intenção e construção. [...] A montagem revela sua forma tectônica na “desarticulação”. [...] A desconexão integra material e detalhamento de tal forma que a forma final, um pouco como um filme bem elaborado, não esconde completamente o processo fragmentado de sua produção.* (HARTOONIAN, 1994, p. 27. Tradução das autoras)

Cantalice (2015, p. 67-68) afirma que ambos os processos – montagem e desconexão – dizem respeito “à absorção do saber-fazer local”. Se arquitetura vernácula se refere diretamente à questão do processo<sup>2</sup> do saber-fazer local (REZENDE; LOPES, 2022), torna-se coerente também sua análise sob a luz da abordagem tectônica que Hartoonian (1994) constrói, permitindo a identificação das partes da edificação e como elas se conectam e se relacionam a partir dos materiais aplicados, das técnicas utilizadas a cada material e a cada “junta” de conexão, por exemplo.

O conceito de tectônica de Frampton (1995), por sua vez, dentre uma das principais definições que o autor adota, vai atuar no campo ontológico da arquitetura, no qual sua estrutura e seu envelope exprimem diferentes estados da expressão de sua materialidade. Para o autor, a expressão da técnica construtiva representa uma poética da construção na qual a tectônica se exprime.

Ainda, segundo o autor, essa expressão da arquitetura não se isenta da participativa experiência humana nesse meio. As noções de lugar e de percepção corpórea vão operar, portanto, em mesmo nível de importância que a própria matéria para a expressão da tectônica, visto que é a partir do sentido de lugar e da experiência corporal do homem – em especial a tátil – em que a materialidade da arquitetura se exprime e se evidencia. “[O] corpo reconstitui o mundo por meio da apropriação tátil da realidade. Isso é dado pelo impacto psicofísico da forma sobre nosso ser e por nossa tendência de envolver a forma através do toque à medida que sentimos nosso caminho através do espaço arquitetônico” (FRAMPTON, 1995, p. 10. Tradução das autoras). Neste sentido, ao relacionar a arquitetura vernácula ao conceito de Frampton (1995), a poética da construção vernácula vai operar na expressão da técnica aplicada, em concomitância com a experiência tátil do corpo em relação a essa técnica e aos materiais aplicados.

A expressão da materialidade apontada por Frampton (1995) opera tanto na estrutura quanto no envelope da edificação a partir da presença fenomenológica da “coisa”, isto é, a partir de elementos que vão dar constância à sua matéria (coisa) – cor, textura, peso, forma, dentre outros –, contribuindo para a expressão da materialidade. Em se tratando da arquitetura vernácula, a presença fenomenológica das “coisas” (matéria) aplicada à construção vai exprimir sua materialidade de origem, visto que a arquitetura vernácula se utiliza dos materiais locais; assim como os elementos de constância (cor,

<sup>2</sup> Ressalva-se que o “processo” indicado faz referência, em especial, às técnicas e tecnologias empregadas, mas compreende-se que o “processo” no qual a arquitetura vernácula se insere contempla uma amplitude maior, uma vez que, de acordo com Tofani e Brusandin (2021, p. 37), esses processos são “causa e consequência de modos de produção do espaço e reprodução social”.

peso, textura, forma) vão consentir a experiência do corpo através do movimento tátil, permitindo a apreensão tectônica desta arquitetura e do lugar ao qual pertence.

Na terceira parte de sua obra, segundo Cantalice (2015, p. 51. Grifo das autoras), “Frampton procurou encontrar referências que ligassem o processo de construção à obra de cada arquiteto individualmente. Apesar de não ser possível identificar uma linha ou método de análise claro”. Isto leva a compreender a especificidade da tectônica de cada arquitetura intimamente ligada ao processo de construção, tal qual ocorre nas arquiteturas de base vernácula, onde as técnicas aplicadas são dependentes e relacionais aos materiais disponíveis, à cultura e ao processo do “saber-fazer”.

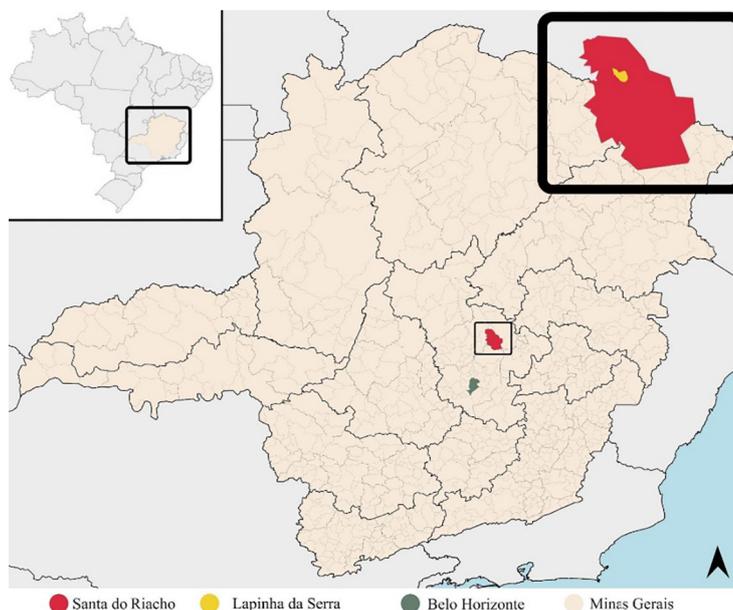
Apesar do olhar de Frampton (1995) ser direcionado a uma totalidade mais ampla (envelope e estrutura) e Hartoonian (1994) às partes, ambos têm aproximações conceituais na medida em que se atentam para os detalhes da arquitetura: Frampton, ao olhar para a técnica e para a presença fenomenológica da matéria e sua contribuição à expressão tectônica; e Hartoonian ao compreender a expressão tectônica a partir das partes que, em certa medida, relacionam-se diretamente aos elementos que Frampton (1995) vai abordar em sua obra.

Para o presente trabalho, portanto, ambas as abordagens contribuem complementarmente ao estudo de caso da arquitetura vernácula, como será evidenciado nas seções a seguir, em vista das revelações que a materialidade desta arquitetura expressa.

## Expressão tectônica da arquitetura vernácula de Lapinha da Serra (MG)

**Figura 2:** Localização de Lapinha da Serra (MG). Fonte: IBGE (2021). Adaptado pelas autoras. Org.: Autoras.

Para adentrar no estudo de caso aqui proposto, primeiramente se torna necessário uma retomada histórica e geográfica de Lapinha da Serra (MG), permitindo um breve retrato do contexto no qual o objeto a ser analisado se insere (Figura 2).



Lapinha da Serra é um distrito localizado no município de Santana do Riacho, no estado de Minas Gerais, entre as Serras do Espinhaço e do Cipó. De acordo com Gontijo (2003) e Braga (2018), a região na qual o distrito se encontra começou a ser ocupada por volta do século XVIII, em detrimento da região ser integrante do percurso que conectava Vila Rica e Arraial do Tejuco à época (atual Ouro Preto e Diamantina, respectivamente). Devido a sua localização estratégica, foi ponto de apoio e parada para viajantes e tropeiros que cruzavam as serras.

De acordo com Gontijo (2003), pouco se encontram vestígios documentais referentes à colonização e ocupação de Lapinha da Serra; contudo, segundo o autor, uma capela já havia sido construída no local, com indícios de sua existência desde 1759. A partir de então, segundo Braga (2018) e Gontijo (2003), foram construídas as casas dos trabalhadores das fazendas ao seu entorno, principalmente sob o uso da terra como material construtivo. “[A] Capela Matriz de Lapinha da Serra, que foi construída em adobe, no século XVIII. Foi a primeira edificação do vilarejo, depois dela, as primeiras casas foram construídas ao seu redor” (BRAGA, 2018, p. 62). A cultura adobeira se consolidou como técnica construtiva empregada em Lapinha da Serra e, segundo Weimer (2012, p. 265) o adobe “[...] designa o tijolo cru, feito de argila compactada e, quase sempre, secado ao vento e/ou sol. Curado dessa forma, adquire maior resistência e permite que seja assentado com argamassa de barro”.

*Se por um lado a dinâmica entre as cidades coloniais garantiu sua formação, a decadência do ouro e diamante somados à acidentada topografia proporcionaram à Lapinha um ambiente circunscrito em si [...]. À vista disso, as tradições de Lapinha da Serra se perpetuaram ao longo do tempo; estando ainda afloradas, por exemplo, a **cultura adobeira** e o dialeto local. (KLIMKIEVICZ; REZENDE, 2019, p. 6-7. Grifo das autoras).*

Conforme Klimkievicz e Rezende (2019) até os anos 2000, quase 60% da totalidade das edificações de Lapinha da Serra empregava adobe, configurando a arquitetura vernácula da região; já em 2019 esta porcentagem caiu para 26%. Assim, é possível identificar em Lapinha da Serra a diminuição do uso da técnica vernácula em adobe, diante do crescimento urbano, da facilidade de inserção de novos materiais. Por isso, a técnica do adobe pode ser perdida se não houver uma conscientização de sua importância cultural pela população local. O estudo e fomento acerca da arquitetura vernácula, ao serem incluídos à discussão da tectônica, estimulam e valorizam a técnica, para que haja maior conscientização da sua relevância.

À luz do contexto de Lapinha da Serra e dos conceitos de arquitetura vernácula e tectônica, o estudo de caso aqui apresentado se centra na análise de uma construção de terra vernácula em adobe aparente ainda existente no distrito.

Encetando a análise da residência em adobe (Figura 3) sob a perspectiva tectônica de Frampton (1995) – com enfoque na expressão da técnica, fenomenologia da “coisa” e experiência tátil –, observa-se que, em primeira instância, a residência reafirma as partes mais evidentes de sua construção (bloco de adobe, telhas cerâmicas e estruturas em madeira). Nestes elementos, carrega-se a carga semântica da tectônica da arquitetura vernácula; expressa-se a matéria de origem, a técnica empregada e os elementos que lhe atribuem a constância – cor, textura e forma. A relação entre matéria-prima, técnica e material expressa a tectônica da arquitetura vernácula, reafirmando sua capacidade de ser evidente por si mesma através da expressão da sua própria materialidade.



**Figura 3 (topo):** Residência vernácula em adobe aparente. Fonte: Elaborado pelas autoras; levantamento de campo (2022). Fotos: Autoras.

**Figura 4:** Expressão tectônica a partir dos tijolos de adobe. Fonte: Elaborado pelas autoras; levantamento de campo (2022). Fotos: Autoras.

Apresenta-se àquele que observa e experiencia a arquitetura vernácula uma sequência material que exprime a “coisidade” da própria matéria. Para Frampton (1995, p. 321. Tradução das autoras), “certamente nada poderia ser mais tectônico do que esse retorno à *‘thingness’* [coisidade]”.

Uma sequência de cores e tamanhos de blocos de adobe evidenciam os diferentes tipos de terra que se utilizaram para produzir os blocos empregados na residência (Figura 4). Para além da materialidade visualizada, essa expressão dos diferentes tipos de terra utilizados também é expressa pela variação sequencial das texturas dos diferentes blocos de adobes e a das argamassas de assentamento que conformam as juntas. A percepção tátil das texturas e das formas empregadas se tornam pontos-chave para a tectônica, na medida em que a experiência do corpo, em meio à arquitetura, reconstitui a forma e a maneira pela qual ela se expressa na residência. Neste sentido, a sintaxe tátil se baseia na diferença de tamanhos, cores e textura, em uma transição evidente, a qual é reforçada a partir da interrupção que as estruturas em madeira operam na fachada.

Essa expressão tátil e visual que contempla a forma, cor e textura se estende aos demais elementos construtivos da edificação. A madeira expressa a estrutura da residência, assim como os demais elementos que definem pontos de concentração de carga (cobertura, portas e janelas). A expressão estrutural se torna evidente por si mesma, definida por um elemento distinto do adobe que, em seus elementos de constância (cor, forma e textura), atribuem à materialidade sua expressão formal (Figura 5).

**Figura 5:** Expressão tectônica a partir da estrutura em madeira.  
Fonte: Elaborado pelas autoras; levantamento de campo (2022).  
Fotos: Autoras.

**Figura 6:** Expressão tectônica da cobertura.  
Fonte: Elaborado pelas autoras; levantamento de campo (2022).  
Fotos: Autoras.

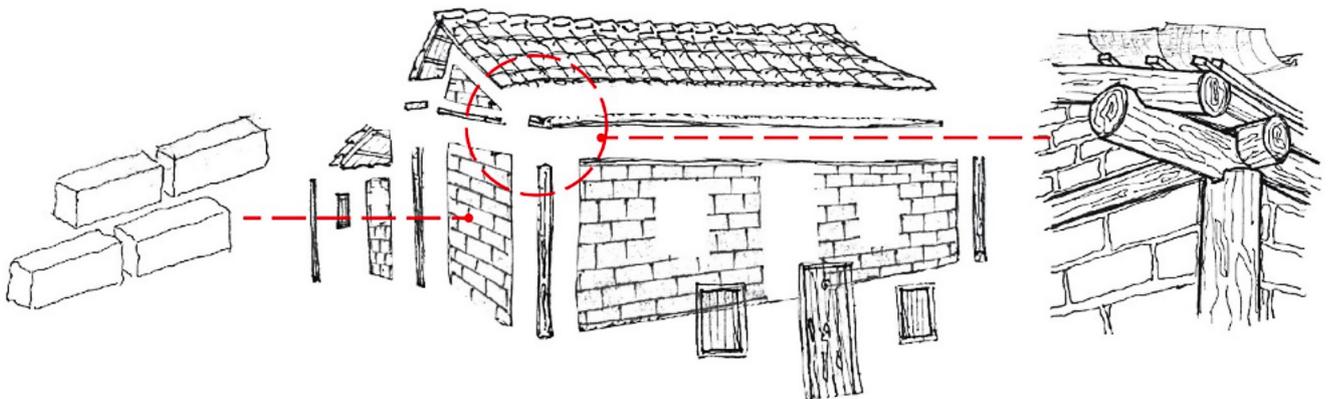


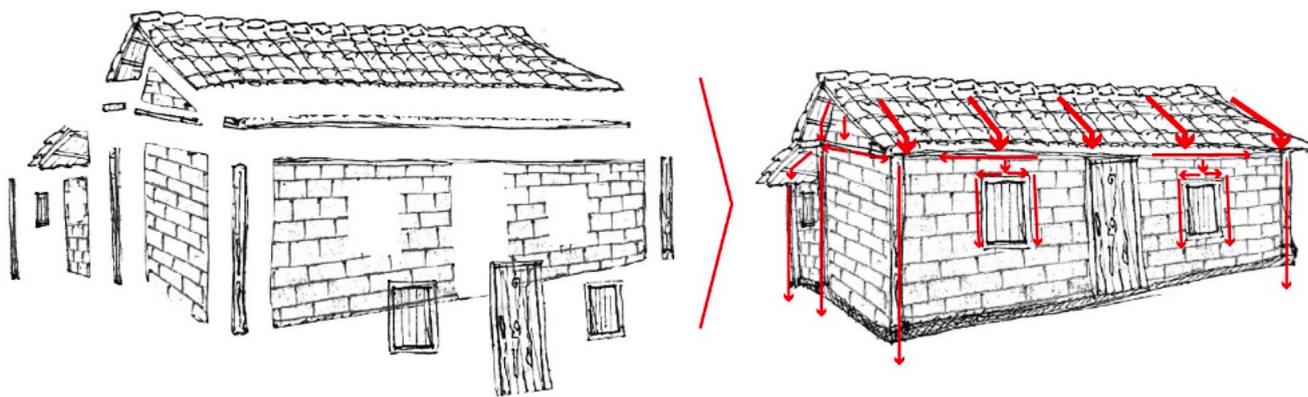
A expressão tectônica como o princípio de conexão das partes através da técnica (montagem) – compreendida a partir do processo de “desconexão” do todo – corresponde à abordagem de Hartoonian (1994). Neste sentido, aplicando o processo de “desconexão” para compreensão da tectônica da residência em adobe aparente (Figura 7), observa-se que as partes revelam a íntima relação da técnica com o material utilizado. A técnica aplicada às estruturas em madeira corresponde ao sistema de recortes e encaixes entre os elementos. A conexão entre eles ocorre de tal forma que o elemento final (pilar em madeira) recebe o conjunto de cargas da edificação para descarregá-las no solo. Os blocos de adobe, por sua vez, trazem à tona tanto a sua técnica de produção, ao revelar a matéria utilizada (terra) e as irregularidades ocasionadas pela forma por meio da qual é produzida e sua secagem ao ar livre, quanto a técnica de assentamento, ao revelar seu tipo de colocação manual com o uso de argamassa de terra.

**Figura 7:** Processo de “desconexão” e tectônica das partes. Fonte: Elaborado pelas autoras.

**Figura 8:** Reflexão da luz evidenciam a matéria. Fonte: Levantamento de campo (2022). Foto: Autoras.

Não apenas externamente à residência, mas também internamente, essa expressão da materialidade emerge. Para além desses elementos, a matéria emerge a partir das faixas de luz que adentram a edificação – por meio das aberturas e de frestas na cobertura – e refletem as texturas, irregularidades da forma e, principalmente, o tom (cor) da matéria da qual os blocos são feitos: a terra (Figura 8). A expressão da materialidade aqui manifesta-se não apenas pela arquitetura vernácula de terra ser evidente por si mesma, mas pelas contribuições semânticas que a luz introduz no interior da edificação.





**Figura 9:** Processo de “desconexão” e tectônica da estrutura.  
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Ainda, ao realizar o processo de “desconexão” de Hartoonian (1994), evidencia-se, também, outro ponto-chave de importância à tectônica de Frampton (1995): a relação – coerente – de distribuição de cargas. Evidente por si mesma, a residência em adobe, estruturada em madeira, revela o simples funcionamento de redistribuição usual de cargas, pelo qual a cobertura descarrega seu peso sobre as vigas em madeira, as quais distribuem as cargas aos pilares, também em madeira, os quais se descarregam no solo. Não obstante, os pontos de tensão da edificação (aberturas) são sustentados pela moldura em madeira das portas e janelas, constituindo o papel de verga e contraverga, enquanto os blocos em adobe, também com propriedades estruturais, redistribuem essas cargas concentradas no solo (Figura 9).

Observa-se que as diferentes formas de expressão da arquitetura vernácula de terra revelam a ordem semântica da materialidade. A arquitetura aqui analisada se comunica através da expressão da sua matéria, seja pelos elementos que compõem seu envelope, seja pela tectônica de sua estrutura, ou pelas técnicas empregadas para construção da arquitetura em si.

A tectônica dessa arquitetura se faz plena e onipresente, visto que tanto ao compreendê-la a partir do seu “todo” ou por meio de suas “partes”, a expressão da materialidade emerge e torna a arquitetura vernácula evidente por si mesma.

### Considerações finais

Ao tratar dos saberes e fazeres populares, a arquitetura vernácula foi sendo marginalizada ao longo da história e da construção da historiografia. Para resgatar sua devida importância, o estudo e a valorização da arquitetura vernácula foram sendo atrelados a sua inserção em diversos campos de discussão, em especial nos que dizem respeito à arquitetura e sua análise crítica. Neste sentido, para uma mudança de paradigma e para a construção de um caminho científico e de conhecimento popular em que o vernáculo seja reconhecido e valorado, torna-se necessária sua inclusão nestes diversos campos, contribuindo com as correntes emergentes que caminham na construção e elucidação da narrativa vernácula em suas diversas esferas, como na arquitetura. Parte-se de um movimento disruptivo da imposição de “margem” que acometeu (e acomete) a arquitetura vernácula na história.

Em acordo com esse movimento disruptivo e com as novas correntes emergentes de resgate e valorização da arquitetura vernácula, através do estudo de caso proposto e analisado sob a perspectiva da tectônica, pôde-se observar o caráter onipresente da “tectonia” da arquitetura vernácula. Assim, discutir a tectônica de edificações vernáculas se mostrou tão possível quanto analisar a tectônica de edificações ditas cultas, eruditas e/ou monumentais. A semântica da expressão da materialidade vernácula elucidou a arquitetura a qual constitui, comprovando, assim, a viabilidade de incluí-la em uma discussão da análise crítica, sob a perspectiva da tectônica, que, majoritariamente, apresentou uma proeminência de outros estados e fases da historiografia da arquitetura.

## Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## Referências bibliográficas

- BRAGA, S. L. A. *Arquitetura vernácula: registro e análise do uso do adobe em Lapinha da serra, Santana do riacho, Minas gerais*. 2018. 111 f. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MMMD-B7LJF4>>. Acesso em: 02 out. 2022.
- CANTALICE, A. S. C. *Descomplicando a tectônica: três arquitetos e uma abordagem*. 2015. 304 f. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/18009>>. Acesso em: 17 out. 2022.
- CASTRO, R. F. A importância do trabalho com conceitos científicos na educação formal: um estudo de caso sobre a escrita em um curso de pedagogia a distância. In: X ANPED Sul, 10, 2014, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: UDESC, 2014, p. 1-20.
- FERREIRA, A.B de H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2º ed. rev. e aumento. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FRAMPTON, K. *Studies in Tectonic Culture: The Poetics of Construction in Nineteenth and Twentieth Century Architecture*. Illinois: Graham Foundation for Advanced Studies in the Fine Arts, 1995.
- GONTIJO, B. M. *A ilusão do ecoturismo na Serra do Cipó: O caso de Lapinha*. 2003. 192 f. Brasília, DF. Tese de Doutorado - Universidade de Brasília, Centro de desenvolvimento sustentável, Brasília, 2003.
- HARTOONIAN, G. *Ontology of Construction: On Nihilism of Technology in Theories of Modern Architecture*. Cambridge: University Press, 1994.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Malha municipal. Características étnico-raciais da população: classificações e identidades. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/malhas-territoriais/15774-malhas.html?=&t=acesso-ao-produto>>. Acesso em: 27 out. 2022.
- KLIMKIEVICZ, M. M.; REZENDE, M. A. P. Salvaguarda de Tradições Transferência de Técnica Vernácula: tradição construtiva e gerações lapinhenses. In: 2º Seminário Arquitetura Vernácula, 2, 2019, Belo Horizonte. *Anais [...]*. Belo Horizonte: UFMG; UFBA; IEDS; ICOMOS Brasil, 2019, p. 1-17. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/2arquernacula/197154-transferencia-de-tecnica-vernacula--tradicao-construtiva-e-geracoes-lapinhenses/>>. Acesso em: 27 out. 2022.
- MAXILIANO, S.; REZENDE, M. A.; CABRAL, M. Arquitetura vernácula e memória: Abordagem metodológica para investigação. *FÓRUM PATRIMÔNIO: Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável*. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/forumpatrimo/article/view/34021>>. Acesso em: 27 out. 2022.

- REIS, H.; CASTRO, M. Arquitetura vernácula e sustentabilidade Arquitetura montessoriana e características vernaculares brasileiras. *Brazilian of Development*. Curitiba, v. 6, n. 1, jan. 2020, p.2076-2083. ISSN 2525-8761 DOI:10.34117/bjdv6n1-149. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/6112>>. Acesso em: 27 out. 2022.
- REZENDE, M.A.P. Arquitetura e Construção com Terra Vernácula no Brasil. In: TerraBrasil 2022 - Congresso de Arquitetura e Construção com Terra no Brasil, 8., 2022, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: TerraBrasil; UFSC, 2022, p. 176-182.
- REZENDE, M. A. P.; LOPES, W. G. R. Arquitetura e construção vernácula com terra no Brasil. In: NEVES, C. et al. (org.). *Arquitetura e Construção com Terra no Brasil*. 1. ed. Tupã: ANAP, 2022. P. 27-35.
- ROTONDARO, R. Adobe. In: NEVES, C.; FARIA, O. B. (Org.). *Técnicas de Construção com terra*. Bauru: FEB-UNESP; PROTERRA. 2011. P. 16-25.
- SANT'ANNA, M. Arquitetura Popular: Espaços e Saberes. *Políticas Culturais em Revista*, Salvador, v. 6, nº 02, 2013, p. 1-34.
- TEIXEIRA, C. M. Considerações Sobre a Arquitetura Vernácula. *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, Belo Horizonte, v.15, n.17, 2º sem., 2008, p. 28-45.
- TOFANI, F. P.; BRUSANDIN, L. B. A arquitetura vernácula enquanto patrimônio cultural: contribuições para sua preservação sustentável. In: REZENDE, M. A. P.; CASTRO, M. L. A. C. *Arquitetura Vernácula: Sustentabilidade no ambiente construído*. 1ª Ed. Belo Horizonte: Vernaculum; Sustentabilidade no ambiente construído, 2021. P. 36-71.
- TOGNON, M.; MARANHO, M. F. Preservação da arquitetura de terra no Brasil: referências e perspectivas. In: NEVES, C. et al. (org.). *Arquitetura e Construção com Terra no Brasil*. 1. ed. Tupã: ANAP, 2022. P. 89-99.
- WEIMER, G. *Arquitetura popular brasileira*. 2ª Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- WEIMER, G. Algumas Considerações Sobre a Arquitetura Popular Brasileira. In: 2º Seminário Arquitetura Vernácula, 2, 2019, Belo Horizonte. *Anais [...]*. Belo Horizonte: UFMG; UFBA; IEDS; ICOMOS Brasil, 2019, [n. p.].

**Recebido** [Abr. 12, 2023]

**Aprovado** [Out. 30, 2023]